

O RECURSO AO DISCURSO DO OUTRO EM TEXTOS DE ALUNOS DE LETRAS

Maria de Lourdes Meirelles MATENCIO (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

ABSTRACT: Based on the principle that the production of reviews is a fundamental activity in the formal professional education, this work analyses reviews written by students from a first language teacher program to reflect about the enunciation process in the rewriting of academic texts.

KEYWORDS: *genres; rewriting; enunciation.*

0. Introdução

Este trabalho trata do recurso ao discurso do outro em textos de gêneros acadêmicos produzidos por alunos da graduação em Letras. Pautando-me na perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana, estudo a função atribuída pelos sujeitos da pesquisa ao discurso reportado (relatado e citado). O intuito final da pesquisa de que se origina este trabalho, ainda exploratório, é identificar, em relação às posições identitárias assumidas e atribuídas aos enunciadores envolvidos na interação, as pistas oferecidas pelo recurso ao discurso do outro para a investigação do processo de leitura e escrita desses alunos.

1. A perspectiva bakhtiniana na abordagem do discurso do outro

Na ampla retomada que se tem efetuado da perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin (1979[1929]; 2000[1979]), acentua-se

que, para o autor, o enunciado – simultaneamente matéria lingüística e “contexto” enunciativo – configura-se na interação social, o que lhe dá o *status* de objeto dos estudos da linguagem (cf. Barros, 1999). Dessa perspectiva, pois, abordar o enunciado – ou mais adequadamente a enunciação, que faz da matéria lingüística um enunciado – é abordar tanto a interação verbal quanto o contexto em que ela se produz e, também, suas relações intertextuais. Afinal, como também tem sido salientado, para Bakhtin, há o primado do intertexto sobre o texto, o que não significa, ressalte-se, atribuir-se a mera sobreposição do social em relação ao individual. O autor deixa claro em sua obra que as forças sociais – marcadas ideologicamente – encontram-se em conflito, em constante tensão, nas vozes dissonantes que transparecem em meio às relações dialógicas que se estabelecem nas interações (Bakhtin, 1979[1929]). Dito de outro modo, a prevalência do intertextual sobre o textual decorre, na perspectiva bakhtiniana, de que a interação social – essencialmente dialógica – implica a construção conjunta de sentidos, na atividade de linguagem; ou seja, a ação de linguagem é significada na atividade de interação. No presente trabalho interessa-me, particularmente, como já foi dito, a reflexão bakhtiniana acerca do discurso do outrem (discurso relatado e discurso citado).

Quando o autor estuda o recurso ao discurso do outro, defende que se trata de “discurso no discurso”, “enunciação na enunciação” e, ao mesmo tempo, de “discurso sobre discurso”, “enunciação sobre enunciação” (Bakhtin, 1979[1929] : 144). Seu argumento central é o de que, embora a citação seja tema em relação ao que se enuncia, no discurso citado, integra-se à sintaxe do discurso que cita (*idem*: 144-145). Assim, mesmo que o recurso ao discurso do outro não estabeleça propriamente um diálogo, nem por isso deixa de ser manifestação do fenômeno do dialogismo – de atitude responsiva (ativa) de quem enuncia.

Por outro lado, tanto as formas de apreensão quanto de verbalização do discurso do outro são, para o autor, construídas em meio a tendências sociais estáveis, segundo formas padronizadas para sua introdução (*ibidem*: 146-147), o que implica, portanto, que a avaliação de sua adequação e sua valoração estética são fundamentalmente sociais. Bakhtin (*op. cit.*) aponta duas grandes tendências em relação à introdução do discurso citado: ou há o isolamento do discurso citado, para marcar sua autonomia, ou há integração desse discurso, de modo que a voz do autor se confunde com a do que é citado (p. 148). Tais tendências são fruto das práticas sociais: há práticas em que se valoriza, em relação a esse recurso, o *quê* é dito e não *como* se diz (*op. cit.*: 149). Noutros termos, há práticas

discursivas em que, do ponto de vista da adequação no uso e da valorização estética, mais importante do que anunciar que um outro diz o que se retoma, valoriza-se o que o outro diz, sem que sua enunciação por outrem seja tematizada. Obviamente, esses padrões estão ligados aos domínios discursivos e ao impacto social de seu discurso.

2. O discurso do outro e a retextualização em textos acadêmicos

A pesquisa que tenho coordenado acerca das atividades de retextualização na formação profissional¹, isto é, de atividades de produção de um texto, a partir de um ou mais textos-base, tem indicado que o padrão mais freqüente na produção de textos acadêmicos por alunos iniciantes é aquele em que se privilegia *o quê* se diz, e não *como* se diz. Além disso, se se consideram tanto as representações do que seja resumir pelos alunos acompanhados quanto seus relatos acerca de suas experiências escolares com o resumo e com outras atividades que envolvem a retextualização de textos de referência, esse padrão é também o valorizado pela escola. Ora, esse padrão é, por outro lado, avaliado bastante negativamente quando se trata de a academia avaliar os textos acadêmicos.

O projeto de pesquisa pretende investigar a relação entre os discursos que se engendram para constituir os saberes sobre a língua(gem) através da análise de atividades de retextualização, de textos acadêmicos para novos gêneros textuais que também circulam na universidade. Partimos do princípio de que a atividade de retextualização é uma das estratégias mais freqüentes na formação de professores e que, idealmente, envolve tanto a apropriação e sistematização dos saberes científicos quanto a construção de conhecimento.

Na primeira etapa da pesquisa, verificou-se a necessidade de atuar em duas grandes frentes, no que se refere às operações textual-discursivas envolvidas na retextualização: os mecanismos enunciativos e o processo de referenciação. O primeiro aspecto demonstrou-se essencial porque indica o posicionamento identitário assumido pelo aluno em sua enunciação, na relação que estabelece entre o discurso do autor estudado e seu próprio discurso e entre o discurso do autor estudado e o daqueles com os quais ele dialoga; em relação a esse aspecto, merece destaque, ainda, o foco no modo como o aluno estabelece a interlocução com seu potencial leitor. O segundo aspecto, que diz respeito à referenciação, foi

considerado relevante em função de as atividades de leitura e de escrita serem aquelas pelas quais o aluno constrói seus conhecimentos na área, sendo orientado, nessa formação, pelo professor, o leitor/produzidor de textos mais experiente.

3. Formas e funções do recurso ao discurso do outro em produções acadêmicas

Uma das maneiras pelas quais pretende-se dar continuidade a essa pesquisa inclui justamente a análise de mecanismos enunciativos aos quais recorre o aluno – tanto por meio da introdução do discurso do outro quanto por meio da manifestação do intertexto, quando traz para sua retextualização a voz dos discursos sociais sobre os conceitos com os quais opera. Apresento, aqui, um primeiro levantamento dessas formas de manifestação do discurso do outro, apontando aquelas que parecem ser suas funções. Para isso, além de reportar-me à abordagem bakhtiniana, remeto, também, a trabalho de Boch & Grossman (2002), no qual os autores descrevem as diferentes formas pelas quais se manifesta, em trabalhos de cunho acadêmico, o recurso ao discurso do outro.

Em seu trabalho, Boch & Grossman afirmam que (cf. *op. cit.*: 100), pela *evocação*, embora o autor remeta a trabalho(s) que tematizam seu objeto de reflexão, não pretende resumi-los, intenta, apenas, referenciar-se a eles. Já o recurso ao discurso reportado envolve: (i) a *reformulação*, a retomada do dito, integrada, do ponto de vista enunciativo e temático, ao dizer do autor; (ii) a *citação autônoma*, mecanismo através do qual se cria uma relativa autonomia entre os pontos de vista enunciativos, e (iii) a *ilhota citacional*, procedimento através do qual os pontos de vista enunciativos se integram, embora a referência ao discurso do outro seja colocada em evidência por elementos gráficos (escriturais, nos termos dos autores). Eis ilustrações desses diferentes mecanismos, em texto acadêmico produzido por profissional brasileira já estabelecida:

- Ilustração 1: evocação
Citem-se, entre outros, nessa direção, os trabalhos de Francis Jacques (1985), na filosofia da linguagem [...] (Barros, 1999: 4)
- Ilustração 2: reformulação

Maingueneau (1982), entre eles, ao estudar o discurso jansenista, define o texto, com Bakhtin, como uma encruzilhada de trocas enunciativas que o situam na história [...] (Barros, 1999: 5)

- Ilustração 3: citação autônoma

R. Robin afirma ainda que “essa liberdade atribuída ao domínio da fala inscrevia-se numa Filosofia do sujeito neutro, transparente a si próprio (uma Filosofia antes da descoberta freudiana) e naquela de um sujeito sem determinações socioideológicas (uma Filosofia antes de Marx)” (1977: 25). (Barros, 1999: 3)

- Ilustração 4: ilhota citacional

Serão aqui examinados três aspectos essenciais da reflexão de Bakhtin e algumas de suas decorrências para os estudos lingüísticos e semióticos de textos: o dialogismo e a polifonia; a carnavalização da literatura; a definição de signo como “arena da luta de classes”. (Barros, 1999: 2)

No estudo dos autores (2002: 101), que comparou textos acadêmicos de alunos, que, como os acompanhados na pesquisa cujos resultados apresento, faziam seus estudos na área de Letras (isso na França), e artigos de profissionais publicados na revista **Langages**, identificou-se ampla diferença entre o recurso ao discurso do outro, em termos de formas e funções, em razão do pertencimento a um ou a outro grupo. No textos dos profissionais, a evocação é a forma de discurso reportado que prevalece, seguida da reformulação e da citação. Já nos textos dos estudantes, dá-se prioridade à citação, que vem seguida da reformulação e, enfim, da evocação. As hipóteses levantados pelos autores (*idem*: 102), resumidamente, são as seguintes:

- Os profissionais optam sobretudo pela evocação e pela reformulação por serem procedimentos que, além de econômicos, facilitam a gestão enunciativa; as citações aparecem, assim, quando os especialistas desejam apresentar literalmente o dizer do outro.
- Os estudantes, por outro lado, são levados a priorizar as citações, por diferentes razões, dentre as quais, sucintamente, encontram-se as seguintes: (i) em sua formação, sugere-se, freqüentemente, que devem tanto apresentar os conhecimentos construídos quanto as fontes com as quais dialogam; (ii) estão apenas iniciando seus contatos com a escrita acadêmica, assim, a distância que mantêm com os textos de referência é indiciada por esse mecanismo de discurso reportado; (iii) a autonomia evidenciada pela citação

permite-lhes tanto gerenciar os saberes de referências (conceitos, definições, postulações, etc.) quanto evitar erros de formulação.

Considerando-se os dados obtidos no *corpus* deste trabalho (constituído de quatro resenhas, elaboradas ao longo dos três primeiros períodos do curso de Letras), as formas (e mesmo as funções) do recurso ao discurso do outro é distinta, como será discutido.

4. O recurso ao discurso do outro nos textos dos sujeitos da pesquisa

Um primeiro aspecto a ser salientado é que os alunos sujeitos da pesquisa são orientados, desde o início de suas atividades universitárias, em relação à importância de fazer referência aos textos lidos nas diferentes tarefas escolares que vierem a realizar, em disciplinas que tratam especificamente da escrita e da leitura. Além disso, essas mesmas disciplinas atuam na formação dos alunos, no sentido de levá-los a perceberem as funções que a remissão ao discurso do outro pode assumir. Dessa forma, é de se prever que, em seus textos, eles procurem seguir tais orientações, o que implica, obviamente, que a referência ao discurso do outro prevaleça em vários momentos do texto; o que me interessa, portanto, é entender o modo como se manifesta e as pistas identitárias que daí podem ser depreendidas.

No 1º período, em relação à 1ª resenha solicitada, do total de alunos envolvidos – apenas 18 –, há somente uma que faz citações – duas, ambas autônomas, que trazem trechos de autor citado pela autora do texto resenhado –; há, também, um caso de ilha citacional; os demais alunos limitam-se a efetuar retomadas dos textos lidos, na forma de reformulação ou, sobretudo, de cópia de excertos. Na 2ª resenha, realizada também no 1º período do curso, a quantidade de citações se amplia: há sete citações, que se distribuem em quatro textos – há textos de 22 alunos –; prevalecem, nos demais textos, novamente, a reformulação e a cópia. Os alunos que recorrem à citação, nas duas primeiras atividades, utilizam-na, também, nos períodos subsequentes. No 2º período, num total de 53 resenhas, 21 alunos fazem citações autônomas. No 3º período, por sua vez, das 51 resenhas analisadas, 21 trazem citação autônoma e 3 recorrem a ilhotas citacionais. A maior parte dos alunos que havia utilizado a citação como recurso ao discurso do outro no 2º período recorre a ele na atividade do 3º período; há uma divergência de apenas 3 alunos que haviam feito citações autônomas no 2º período e não a fazem no 3º.

Ressalte-se, ainda, que não há, em nenhum dos textos analisados, formas de evocação, como ocorre nos dados de Boch & Grossman (2002).

Nos três períodos, as citações autônomas produzidas pelos alunos efetivamente têm a função de: (i) nos termos de Boch & Grossman (2002), “acumular fragmentos teóricos”, os quais fundam a investigação do problema teórico ou metodológico de diferentes pontos de vista; (ii) evitar que se incorra em erros de formulação; (iii) gerenciar os saberes de referência; e (iv) evidenciar leituras e diferentes saberes, dentre os quais, obviamente, os relativos à própria prática da escrita acadêmica. Vejamos:

- Exemplo 1 (1º P, 1ª R, MJLⁱⁱ): citação autônoma
Costa Val cita Sami Mesarani que, a seu ver, “redação no Ginásio, no colégio e no vestibular significava preencher 30 linhas em 50 minutos, a partir de um título dado e, freqüentemente, desenvolvendo um tipo de texto previamente prescrito (narração, descrição ou dissertação)”.

Essas citações, parecem ter, nos textos dos alunos, como também identificou a análise de Boch & Grossman (2002), a função de garantir que não haja equívocos de formulação e que, ao mesmo tempo, coloquem-se em evidência aspectos relevantes do que é tematizado, em termos de contribuição teórica. Importa salientar, além disso, que tanto nas resenhas elaboradas no 1º período quanto no 2º e no 3º período, como sugerem Boch & Grossman (*op. cit.*), a citação, quando utilizada na forma de ilha citacional, remete a conceitos ou definições, embora não se trate propriamente de trazer para o texto excertos de definições; no caso do textos analisados, as ilhotas incidem sobre itens ou expressões efetivamente utilizados nos textos-base, os quais estão sendo tematizados pelos autores resenhados. Vejamos:

- Exemplo 2 (2º P, 2ª R, MAT): ilha citacional
Só que quando ele percebe que consegue fazer isso sozinho, passa a se sentir “o todo poderoso” porque podia ler.

A hipótese levantada por Boch & Grossman (*op. cit.*), segundo os quais o recurso excessivo à citação em textos de iniciantes deve-se à distância estabelecida entre pontos de vista enunciativos promovida pela

citação, que indicaria uma distância em relação às práticas acadêmico-científicas de produção de texto, não se sustenta na análise das atividades de retextualização de textos acadêmicos por estudantes brasileiros. Considerando-se o conjunto dos textos analisados, o padrão mais usual de recurso ao discurso do outro é o da reformulação mesclada com a cópia – ou o que optei por chamar de reformulação parcial. Como se poderia prever a partir dos dados de Boch & Grossman (2002), nessas reformulações, a integração temática é tão saliente que, muitas vezes, fica difícil identificar que há mais de um ponto de vista enunciativo em jogo. Nesses casos, o que se percebe geralmente é que o aluno procura, na verdade, fazer uma síntese nos moldes do resumo, ainda que manifestem-se, predominantemente, a operações de apagamento das informações, que implicam a seleção de segmentos considerados relevantes, mas não sua generalização e substituição por segmentos mais abrangentesⁱⁱⁱ:

- Exemplo 3 (3º P, 3ª R, APL): reformulação parcial

EXCERTO DO TEXTO-BASE ^v	EXCERTO DO TEXTO DO ALUNO
<p>O processamento ascendente (top-down) é uma abordagem não-linear, que faz uso intensivo e dedutivo de informações não-visuais e cuja direção é da macro para a microestrutura e da função para a forma.</p> <p>O processamento ascendente (bottom-up) faz uso linear e indutivo das informações visuais, lingüísticas, e sua abordagem é composicional, isto é, constrói o significado através da análise e síntese do significado das partes.</p>	<p>O texto aponta inicialmente dois tipos básicos de processamento de informação: o descendente (top-down), que é uma abordagem não linear, ou seja, faz o uso intensivo e dedutivo de informações não visuais, já o processamento ascendente (bottom-up), difere-se do anterior, por fazer o uso linear e indutivo de informações visuais, lingüísticas e sua abordagem, constrói o significado através da análise e síntese do significado das partes.</p>

Por outro lado, o que se percebe quando os alunos tentam, de fato, elaborar reformulações, é que as dificuldades vivenciadas são enormes. Esse é o caso do excerto a seguir, que procura ilustrar o conceito de reconhecimento instantâneo tratado por Kato (1985):

- Exemplo 4 (3º P, 3ª R, AMX): reformulação

Ao ler um texto, agora pensando no processamento textual o leitor terá contato com palavras, ou frases que nem sempre fará o **reconhecimento instantâneo**, ou seja, não irá **ler interpretando o que se diz** se não tiver um conhecimento prévio sobre o assunto.

Em termos do recurso ao discurso do outro efetivado nos textos, uma hipótese que se poder formular é a de que, oriundos de uma prática escolar que, sistematicamente, têm valorizado um padrão em que se privilegia o dito (o “conteúdo informacional”, poder-se-ia dizer), em detrimento do jogo enunciativo de marcar pontos de vista (de quem é lido, daqueles com os quais se dialoga e do próprio escrevente), os alunos não conseguem identificar, de imediato, funções precisas para as diferentes formas de manifestação do discurso reportado.

Articulando esses mecanismos enunciativos aos movimentos identitários que os cercam, por sua vez, temos que, embora o almejado pelo formador fosse que o aluno se projetasse como professor em formação – como leitor que está construindo sua autonomia para ler e refletir sobre a leitura especializada –, o que ocorre é o apagamento dessa cena enunciativa, para que se sobreponha outra, construída nos moldes do discurso didático (a seus olhos aparentemente mais eficaz?), a cena em que dialogam tão-somente formador/aluno, em que prevalece a importância do dito, não a relevância da conjunção entre dito e dizer.

5. Considerações finais

Dos resultados da análise, ainda exploratória em relação ao ponto de vista abordado na frente de pesquisa que deu origem a este trabalho, pode-se verificar, de imediato, a necessidade de investir em estudos que verifiquem em que medida as formas e funções identificadas por Boch & Grossman (*op. cit.*) em textos de profissionais e de estudantes franceses é recorrente também na produção brasileira, o que implica, de um lado, a realização de análise comparativa, como a efetuada pelos autores, e, por outro, a realização de estudo de textos de alunos que abranja um grupo maior de informantes, integrados a diferentes áreas do conhecimento. Um estudo dessa natureza é necessário para que se verifique a condição de generalidade das observações feitas tanto pelos autores quanto pelos

resultados obtidos por nosso grupo de pesquisa. Por outro lado, ainda que se considere que o presente trabalho é exploratório, é preciso salientar que ele dá indícios significativos de que é necessário efetuar-se um trabalho mais pontual com os professores em formação em termos da percepção dos mecanismos enunciativos e do que eles revelam da cena enunciativa e das posições identitárias, isso em atividades de leitura e de escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução LAHUD, M. & VIEIRA, Y. F. São Paulo: Hucitec, 1979. (Original de 1929)
- BAKHTIN, M. *A estética da criação verbal*. Trad. PEREIRA, M. E. G. São Paulo: Martins Fontes. 2000. (Original de 1979).
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P. & FIORIN, J. L. (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 1-9.
- BOCH, F. & GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. In: *Revista Scripta*, v. 6, n. 11. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002. p. 97-108.
- van DIJK, T. *La ciencia del texto*. Madrid: Paidós, 1988.

ⁱ A primeira etapa da pesquisa (entre 2001 e 2003) foi financiada pela FAPEMIG (SHA 0419/01); ao longo de 2004, conta-se, por sua vez, com financiamento do FIP PUC Minas (TLE 2004/37) e do CNPq (403167/2003-5). A pesquisa integra-se, também, a projeto temático coordenado pela prof^{ta}. Dr^a. Angela Kleiman e financiado pela FAPESP (02/09775-0).

ⁱⁱ As siglas entre parênteses indicam: período em que se encontra o aluno, ordem da resenha analisada, identificação do aluno.

ⁱⁱⁱ Retomo, aqui, estudo de van Dijk (1988), que trata das macrorregras ou estratégias de organização/elaboração da informação, que orientam o processo de sumarização.

^{iv} O texto-base é de Mary Kato, **O aprendizado da leitura** (Ática, 1985).